

# Foice no escuro

: sobre o *Combate nas trevas*, de Jacob Gorender

*Marcos Silva*

Universidade de São Paulo (USP)

**E**m 2023 se completa o centenário de nascimento e uma década da morte de Jacob Gorender, militante comunista e historiador brasileiro. Nascido em Salvador, filho de judeus da Ucrânia e da Bessarábia, Gorender viveu capítulos importantes do século XX: na Segunda Guerra Mundial, combateu o nazi-fascismo na Itália como voluntário da Força Expedicionária Brasileira (FEB); no Brasil, combateu a Ditadura de 1964 como militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e fundador do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). Durante anos, viveu na clandestinidade, até ser preso e torturado em São Paulo pelos agentes da repressão do Departamento de Ordem Política e Social (Deops).

Autor de *O escravismo colonial* (1978), *Combate nas trevas* (1987) e vencedor do Prêmio Juca Pato de 1999, Gorender foi um dos principais intelectuais e historiadores brasileiros das últimas décadas. Embora sua produção historiográfica tenha sido construída fora das universidades, em 1994 recebeu da Universidade Federal da Bahia (UFBA) o título de Doctor Honoris Causa e, em 1996, o título de Especialista de Notório Saber do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP), além de ter uma sala com seu nome no corredor do prédio de História e Geografia desta universidade. Todavia, sua produção historiográfica não é, nem poderia ser, unanimidade entre os historiadores.

Neste ensaio, Marcos Silva comenta criticamente o *Combate nas trevas* (1987), no qual Gorender avaliou os anos de chumbo e as esquerdas brasileiras do período, tema que permanece quente, sobretudo em tempos de revisionismo histórico, irracionalismo filosófico e obscurantismo político.

**Palavras-chave** Jacob Gorender – Historiografia brasileira – Ditadura de 1964 – Partidos comunistas – Luta armada.

**Sickle in the Dark: On *Combate nas trevas* by Jacob Gorender**

**Keywords** Jacob Gorender – Brazilian Historiography – 1964 Dictatorship – Communist Parties – Guerrilla Warfare.

**Hoz en la oscuridad: sobre el *Combate nas trevas*, de Jacob Gorender**

**Palabras clave** Jacob Gorender – Historiografía brasileña – Dictadura de 1964 – Partidos comunistas – Guerra de guerrillas.

## Submissão

01/10/2022

## Aprovação

10/10/2022

## Publicação

15/11/2022



JACOB GORENDER

★ 20 de janeiro de 1923  
Salvador, Brasil

† 11 de junho de 2013  
São Paulo, Brasil

*Aquele que conta ao povo falsas lendas revolucionárias, que o  
diverte com histórias sedutoras, é tão criminoso quanto o  
geógrafo que traça mapas mentirosos para os navegadores.*

HIPPOLYTE PROSPER-OLIVIER LISSAGARAY

*História da Comuna de 1871*  
Trad. de Sieni Maria Campos.  
São Paulo: Ensaio, 1991.

Jacob Gorender foi um comunista brasileiro que ministrou cursos para confrades e simpatizantes de seu Partido sobre marxismo e história do Brasil, além de ter publicado artigos e livros a respeito dessas problemáticas, sobretudo na maturidade.

Um desses volumes é *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada* (1987), obra de memórias e intervenção na cena política, lançado dois anos depois do anunciado fim da Ditadura de 1964, em 1985. É ainda acerto de contas com o partido no qual ele foi afastado, ou se afastou, na segunda metade dos anos 1960, em discordância com a direção. Agiu assim para, em seu entendimento, melhor fazer oposição àquele universo; além de dar suporte para a inserção política na conjuntura posterior a 1985. É memória alternativa a algumas versões correntes sobre o período abordado, contra a mera desqualificação da luta armada – “ai dos vencidos!” – e tentativa de avessos diante de visões edulcoradas daquele desfecho. Inclui denúncias sobre o universo ditatorial e sobre o próprio Partido Comunista Brasileiro (PCB), com ecos de desestalinização tardia.<sup>1</sup> Por esses motivos, desperta a simpatia preliminar de leitores críticos àquela ditadura e continua a merecer análise reflexiva sobre o alcance e os limites de seus resultados interpretativos.

Mudanças na esquerda brasileira ocorridas entre o fim da luta armada e o momento em que o livro foi escrito não foram abordadas – as grandes greves e rearticulações sindicais, inclusive novas centrais, o surgimento e a consolidação do Partido dos Trabalhadores (PT), novos movimentos sociais.

O título desse livro fala, numa evocação balzaquiana, em “ilusões perdidas”.<sup>2</sup> Ilusões é designação suave para erros, possível referência a sentimento do próprio autor e a outros militantes que se desligaram do PCB no mesmo tempo para atuarem na luta armada e/ou em novas organizações de esquerda, além de crítica àquele partido. Vale lembrar que o livro se encerra com a frase: “Se não quisermos o triste privilégio da infundável repetição dos erros”.<sup>3</sup> É uma busca de acertos, portanto.

Ao longo do texto, Gorender expressou muitas restrições a Luís Carlos Prestes, que dirigiu o PCB entre aproximadamente 1934 e 1980, quase sempre na clandestinidade. Pouco diz sobre como Prestes chegou a essa posição e nela permaneceu

1 GORENDER, J. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1990.

2 BALZAC, H. de. *Ilusões perdidas*. Trad. de Rosa d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [1837, 1843].

3 *Ibidem*, p. 250.

durante décadas. E é marcado por excesso factual, que dificulta o entendimento interpretativo conjunto.

Essa e outras obras de Gorender foram lidas no meio acadêmico e fora dele, com alguma dose de polêmica, em especial, *O escravismo colonial* (1985), um esforço para definir um modo de produção específico naquele Brasil, e *A escravidão reabilitada* (1990), agressivamente contrário a alguns outros pesquisadores dessa problemática, que enfatizavam a presença também afirmativa dos escravos naquela cena social.<sup>4</sup>

Memorialístico, sem perda de debate político e historiográfico, *Combate nas trevas* discute o que designa como “ilusões da legalidade” do PCB. Nele, Gorender se apoiou nas noções de industrialismo e populismo, que não problematiza, com generalizações do tipo “industrialização acelerada”, com escassos argumentos demonstrativos sobre áreas e volumes de produção econômica, além de raras análises a respeito de ações das partes envolvidas nesse processo, substituídas por opiniões do escritor.

Daí, a desqualificação de trabalhadores – “massas de baixo nível de consciência de classe”. Mas o que é consciência de classe? Tudo é consciência na luta social e política?<sup>5</sup> Soma-se a isso uma frágil análise documental predominante, com fluida narração, apoiada em sínteses conclusivas do memorialista e noções vagas, como “terceiro mundo”, em linguagem ágil de curtos capítulos, próxima do jornalismo, o que não é necessariamente deficiência, antes se constitui numa das possibilidades de expressão verbal em história.<sup>6</sup>

Os trabalhadores aparecem através das avaliações do próprio Gorender, tutelados politicamente por intelectuais, como ele, que se consideram conscientes e medem a inconsciência alheia, com prioridade para o engajamento partidário; quase nada é dito sobre práticas e opções dos trabalhadores no cotidiano social. Articulações sindicais surgem principalmente pelo filtro partidário ou estatal. Identidades culturais saem de cena – afrodescendentes, imigrantes e seus sucessores, migrantes internos, população rural e urbana, homens e mulheres, religiosidades, faixas etárias etc. Algumas delas aparecem brevemente depois, sob o signo da União Nacional dos Estudantes (UNE) e de seus Centros Populares de Cultura (CPC).

4 GORENDER, J. *A escravidão reabilitada*. São Paulo: Ática, 1990; *O escravismo colonial*. São Paulo: Ática, 1985.

5 GORENDER, J. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1990, p. 16. Um livro sobre piadas críticas, no meio operário, a respeito do Fascismo italiano durante sua vigência é de 1984: PASSERINI, L. *Torino operaia e fascismo: una storia orale*. Bari: Laterza, 1984. Piadas mesclam intencionalmente consciência a inconsciência. Algumas críticas são ainda mais possíveis nessa mistura: FREUD, S. “Chistes e sua relação com o inconsciente”. Trad. de Jayme Salomão. *Obras completas*. Edição Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 8.

6 VEYNE, P. *Como se escreve a história*. Trad. de Antonio José Moreira. Lisboa: Edições 70, 1987.

A noção de populismo que Gorender usou desqualifica o povo no sistema político que supostamente deveria ser dele – *res publica*, coisa do povo. Nesse sentido, a concepção elitizada e excludente de povo – sem mulheres nem analfabetos, durante muito tempo daquela república – não sofre contestações, em nome da consciência de classe, tratada como um ideal que vanguardas políticas e teóricas deteriam e cobravam dos outros.

Embora o bonapartismo – governo suposto acima dos interesses particulares de classe ou de suas frações – seja tratado como mais uma ilusão, o autor do livro não explicita como foi gerada a crítica desse quadro, sugerindo que fosse obra de setores políticos esclarecidos, por vezes também iludidos – a esquerda, reduzida com frequência ao PCB, e só. E Gorender tratou a derrubada de Vargas, em 1945, como “primeira queda do populismo” – a segunda ocorreria no suicídio de Getúlio, em 1954; a terceira queda deve ter sido a renúncia de Jânio Quadros, em 1961; e a quarta aconteceu em 1964, derrubada de João Goulart –, mesclando um alegado estilo político com a pessoa do governante e sua equipe, num reiterado cai-cai; não pensa sobre diferenças entre aqueles nomes e suas ações políticas em diferentes conjunturas – Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria, descolonização da África. Populismo parece ônibus onde sempre cabe mais um.

Gorender não conseguiu – nem pareceu querer – superar os limites dessa noção de forte coloração ideológica e até moralista – o populismo como ilusão, erro, manipulação, coisa (ruim) do povo, algo inferior, insuficiente, descartável, povo homogeneizado no codinome “massas”, até culpado por suas mazelas. Isso expressa desconfiança em relação ao tal povo sem consciência, fora do partido hipoteticamente adequado, mesmo quando o último também se manteve iludido. Quem confiaria nos desconfiados? Apenas esses desconfiados confiavam uns nos outros?

Surgem críticas a posturas do PCB, que talvez correspondam a opções derrotadas de Gorender e mais descontentes nos momentos referidos, mas aparentemente não os impediram de as implantar com disciplina, casos da cerrada oposição ao último governo de Vargas e da exclusão dos trotskistas como grupo político de esquerda pelos stalinistas. Essa disciplina corresponde a normas de centralismo partidário, que não foram comentadas nem criticadas.

Gorender mencionou depois outras correntes dessa esquerda no Brasil, demorando a explicitá-las – socialistas, trotskistas –, e falou do período da Guerra Fria como se ele mesmo não estivesse na militância partidária naquele momento.<sup>7</sup> Criticou Prestes e seu isolamento em relação a outras instâncias do partido de ambos, mas não se

7 VEYNE, P. *Como se escreve a história*. Trad. de Antonio José Moreira. Lisboa: Edições 70, 1987. p. 20.

responsabiliza sequer parcialmente, como base e dirigente, por esse quadro. Concluiu que mitos, nos modelos de Stálin e Prestes, deseducam,<sup>8</sup> sem se caracterizar no molde de também deseducador e deseducado.

Há uma cerrada crônica interna do PCB, pouco atenta à formação de seus quadros dirigentes. A posterior ruptura do Partido, que deu origem à duplicidade PCB-PCdoB em 1961, tem por desdobramento a atenção de Gorender a dois grupos trotskistas e a um católico – Partido Operário Revolucionário Trotskista (PORT); Política Operária (Polop); e Ação Popular (AP); os dois primeiros, inicialmente, mais isolados dos trabalhadores; o terceiro com marcante presença nos movimentos estudantil e rural. Militantes socialistas e nacionalistas são também contemplados nesse balanço.

A obra se excede na ancoragem estatal, acompanha inicialmente ações de PCB e outros grupos de esquerda em função do governo Goulart. Apesar disso, Gorender apontou fortalecimentos organizativos de trabalhadores rurais ou urbanos e a implantação do 13º salário, durante o governo de Goulart, depois de greve nacional, embora conclua, em relação ao apoio que o então presidente da república recebeu, quando do plebiscito contra o parlamentarismo, de grupos conservadores: “Muita coisa leva a crer que Jango se entendeu com os representantes dessas frações e prometeu usar os poderes reconquistados para conter as esquerdas e sanear as finanças, mesmo à custa de medidas impopulares”.<sup>9</sup> É acusação grave contra um político derrotado pelo Golpe de 1964, que requer demonstração precisa, além do genérico “muita coisa”: quais coisas, quem, quando, como, a partir de quais fontes? Documentos informativos e referências bibliográficas, indicadas no final de vários capítulos, são pouco articulados àquelas insinuações. E a fala se mantém como difusa crença ou rumor.

O livro destaca as presenças de Leonel Brizola – gaúcho, descrito como dotado de “notável capacidade de comunicação” – e do pernambucano Miguel Arrais na cena política nacional, embora não especifique, em relação ao último, as “iniciativas de educação e cultura popular que mobilizaram milhares de ativistas” quando fora prefeito de Recife,<sup>10</sup> exceto as campanhas de alfabetização pelo método Paulo Freyre.

Sobre Francisco Julião, destacada liderança das Ligas Camponesas, e sua campanha pela reforma agrária “na lei ou na marra”, Gorender reproduziu denúncias do jornal *O Estado de S. Paulo* referentes ao Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT), sem comentar a linha política desse jornal muito conservador – quer dizer: sem crítica interna da fonte –, embora o memorialista tenha o mérito de indicar torturas sofridas

8 GORENDER, J. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1990. p. 29.

9 Ibidem, p. 45.

10 Ibidem, p. 47.

por Clodomir Moraes de Castro, líder do MRT, para fazer falsas confissões sobre posse de armamentos pelo grupo.<sup>11</sup> Falta ouvir vozes de bases sociais dessa luta pela terra, dos militantes pobres das Ligas Camponesas, acessíveis principalmente a partir do grande filme *Cabra marcado para morrer*, de Eduardo Coutinho, iniciado em 1964 e concluído em 1984.<sup>12</sup>

*Combate nas trevas* destaca a densidade cultural desse momento que antecede e se sucede a 1964, especialmente a partir da UNE e de seus CPC, além de núcleos socialmente críticos da Igreja Católica; e assinala persistência desse florescer, apesar do agressivo fechamento da UNE em 1964 – que incluiu o incêndio de sua sede no Rio de Janeiro –, ao menos até dezembro de 1968, quando a violência ditatorial cresceu ainda mais com o ato institucional nº 5 (AI-5).

Realça igualmente a ação de “setores subalternos das Forças Armadas” naquela conjuntura anterior ao golpe, com ênfase em sargentos de diferentes Armas, marinheiros e fuzileiros navais. Dá maior destaque para os erros políticos deles, falando pouco sobre as graves injustiças que sofriam – cidadania limitada (inelegibilidade), vida privada sob vigilância (impedimento de matrimônio, exigência de usar farda fora de expediente), barreiras para progressão na carreira etc.<sup>13</sup>

A defesa de reformas de base, habitualmente apresentada como plataforma governamental, é associada nesse trabalho de forma principal aos grupos anti-imperialistas e democráticos, em torno da Frente de Mobilização Popular (FMP), caracterizada como “progressista avançada”,<sup>14</sup> o que amplia o arco social da luta.

Contra a interpretação de René Dreifuss sobre a hegemonia no Golpe de 1964 “da fração multinacional-associada da burguesia”, Gorender atribuiu esse papel à “fração modernizadora da burguesia”, sem maior clareza sobre as diferenças entre esses grupos.<sup>15</sup> Talvez isso signifique que a última fração ia além da outra, nem todo modernizador seria multinacional-associado, mas isso não foi detalhado. Ao comentar Octavio Ianni, fala em “abandono do populismo pela burguesia associada ao capital estrangeiro”, sutil

11 GORENDER, J. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1990. p. 48.

12 *CABRA marcado para morrer*. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Eduardo Coutinho, Wladimir Carvalho e Zelito Viana. Roteiro: Eduardo Coutinho. Locução: Ferreira Gullar e Tite de Lemos. Fotografia: Fernando Duarte e Edgar Moura. Montagem: Eduardo Escorel. Música: Rogério Rossini, Chico de Assis, Carlos Lyra e outros. Rio de Janeiro: [s. n.], 1984. (119 min), cores; preto e branco.

13 RODRIGUES, F. *Vozes do mar: o movimento dos marinheiros e o Golpe de 64*. São Paulo: Cortez, 2004.

14 GORENDER, op. cit., p. 51.

15 DREIFUSS, R. *1964: a conquista do Estado*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981; GORENDER, op. cit., p. 52.

retorno da fração multinacional-associada.<sup>16</sup> Uma hegemonia não suprime outras forças na cena política.

O autor critica ainda o argumento de vocação democrática das Forças Armadas brasileiras, inclui na rejeição entrevistas de Prestes e análises ou memórias de Nelson Werneck Sodré<sup>17</sup> e considera os governos que se sucederam a 1964 como primeira ditadura militar do Brasil, apesar de Floriano Peixoto – admirado por Werneck Sodré – e do amplo suporte castrense ao Estado Novo, muito importante para seu começo em 1937 e o posterior desfecho em 1945.

A falta de demonstração explicativa incluiu definir os Grupos de II, associados a Brizola, como “veladamente, grupos de ação armada”,<sup>18</sup> acusação feita por setores de direita daquela época e que se revelou duvidosa ou, ao menos, limitada depois de 1964 – não houve reação armada desses grupos ao efetivo golpe! Existiram? E estariam armados para quê? Foram algo mais que instrumento retórico de Brizola, poder alardeado de que esse líder não dispunha, e de seus adversários golpistas, poder fantasmagórico que justificava repressão dos últimos sobre os inimigos?

Gorender endossou o argumento de “intenções golpistas do Presidente [Goulart]” antes de 1964 a partir de carta do jornalista Humberto de Alencar.<sup>19</sup> Intenções são elemento de difícil comprovação documentada, ainda mais quando baseado em impressões de um só narrador. Essa suposição serviu de apoio para um real golpe de outrem, em março/abril de 1964. Seria conveniente evitar a transformação de críticas a Goulart, necessárias quando bem fundamentadas, em involuntária adesão às falas de quem o derrubou. E a expressão “golpe preventivo”, que serviu parcialmente de título a um dos capítulos do livro, igualmente assumiu um viés discursivo dos verdadeiros golpistas. Sem esquecer que “pré-revolução”, parte inicial daquele título, é um patético diagnóstico teleológico diante da falta de reação que marcou os que sofreram o golpe, problema descartado sumariamente pelo escritor com a afirmação: “Dispensso-me de entrar em detalhes sobre a inação generalizada”.<sup>20</sup> O escritor permanece em insinuações ou até menos. E o leitor fica a ver navios – ou tanques de guerra.

Gorender preferiu concluir que “a classe dominante e o imperialismo tinham sobradas razões para agir antes que o caldo entornasse”.<sup>21</sup> A dedução parece feita para justificar o que aconteceu, e isso não corresponde aos aparentes objetivos críticos do

16 IANNI, O. *O colapso do populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

17 WERNECK SODRÉ, N. *História militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

18 GORENDER, J. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1990. p. 58.

19 Ibidem, p. 60.

20 Ibidem, p. 66.

livro. Havia lutas de classes e a classe dominante se redefiniu e venceu, tinha fortes armas para tanto, nos planos literal e ideológico – tropas, equipamentos, imprensa e mais apoios de ideólogos, muito dinheiro!

Gorender registrou terror e exílios desde o começo da ditadura, com a ressalva de que, “em uns tantos casos, sem motivação que não a do pânico”.<sup>22</sup> O pânico diante de torturas e assassinatos, mais difícil acesso a empregos para sobrevivência dos perseguidos e campanha contra estes, é uma motivação e tanto! O filme *O desafio* (1965) apresentou com clareza a angústia desses vencidos.<sup>23</sup>

Aponta ainda o poder de Humberto de Alencar Castelo Branco, primeiro ditador de 1964, para implantar a estabilização financeira que antes fora incluída pelo escritor como projeto de Goulart – derrubado para que isso acontecesse.

Gorender rejeitou a plena identificação daquela ditadura ao fascismo, considera que o comando do Estado cabia às Forças Armadas, e não a um caudilho militar, além de inexistir a direção do Estado por um partido fascista. Opta pela militarização do Estado como explicação do que ocorreu. Admite, todavia, que essa militarização serviu aos interesses da burguesia brasileira, um convite a reescrever aquela caracterização apenas militar da ditadura. Ainda assim conclui que “a Ditadura Militar representou uma forma da dominação burguesa, caracterizada pela coerção extremada exercida sobre as classes subalternas”.<sup>24</sup> Quer dizer: ditadura também civil, que não ousava nem ousa se identificar pelo próprio nome e até se considerava democrática! O fascismo clássico acabou em 1945, mas a direita subsequente continuou a aprender com ele – ataques a instituições, repressão, arrocho salarial...

No debate de esquerda posterior a 1964, o memorialista destaca o livro de Caio Prado Júnior, *A Revolução Brasileira* (1966), enfatiza a modéstia de reivindicações reservadas aos trabalhadores (salários) e equívocos, como a negação de um campesinato no país, sem esquecer o que considera acertos anteriores do mesmo autor nas críticas aos governos de Juscelino Kubitschek e Goulart.<sup>25</sup>

Seria conveniente lembrar que, apesar de discordâncias interpretativas em relação a Werneck Sodré, Prado Júnior lançou na Brasiliense, editora de sua propriedade, o livro resultante de projeto coordenado por Nelson, *História nova do Brasil* (1964), que

21 GORENDER, J. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1990. p. 61.

22 Ibidem, p. 70.

23 *O DESAFIO*. Direção: Paulo Cesar Saraceni. Produção: Imago e Mapa Filmes. Roteiro: Paulo Cesar Saraceni. Fotografia: Guido Cosulich. Montagem: Ismar Porto. Elenco: Isabella, Sérgio Brito, Joel Barcelos, Oduvaldo Vianna Filho e outros. Música: João do Vale e outros. [S. l.: s. n.], 1965. (94 min), preto e branco.

24 GORENDER, op. cit., p. 72.

25 PRADO JÚNIOR., C. *A Revolução Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1966.

sofrera perseguições acusatórias depois do Golpe de 1964, com o apoio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) aos golpistas.<sup>26</sup>

Também mereceram atenção do escritor as análises de Francisco Weffort e Octavio Ianni a respeito do populismo, posteriores a 1964, que incluíram o enraizamento dessa corrente política em setores de esquerda.<sup>27</sup> Cabe lembrar que o título de Ianni, *O colapso do populismo no Brasil* (1968), sugere metáfora de morte do populismo em 1964 por uma causa natural, e não assassinato, morte morrida, e não matada, quando ela se deu em claro golpe e ditadura. Metáforas, legítimas como recurso narrativo e até analítico do conhecimento histórico, também têm significado político.

Em breves comentários sobre a rejeição das artes brasileiras, depois de 1964, ao populismo, o livro indica os filmes *Terra em transe* (1967) e *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* (1969), ambos de Glauber Rocha.<sup>28</sup>

Sobre o primeiro, diz: “satiriza o líder populista e as massas imbecis que se deixam enganar”. É assustador o emprego da expressão “massas imbecis”, que não corresponde à voz do cineasta. Os pobres, no filme, são explorados, violentados e até assassinados, quiçá imbecilizados a partir de tantas agressões. Alguém é responsável pela imbecilização dos outros. O poeta Paulo Martins, papel que coube a Jardel Filho, tapa a boca de um anônimo homem do povo e, em seguida, mata outro com um tiro na boca, impressionante imagem fálica de impedir-lhe a fala. Esse homem do povo assassinado pelo poeta não é um imbecil, tem alguma consciência da pobreza e de ser povo, incomoda os poderosos, até os mais refinados deles. Paulo Martins é capaz de matar o povo, terrível impasse dramático num intelectual de esquerda, para evitar aquele poder alternativo – fala popular, concepção de povo diferente de uma república aristocrática, cuja esquerda pretendia designar quem tinha ou não direito a ser povo. E Gorender silenciou sobre o filme como autocrítica de um cineasta de esquerda, muito mal-recebido pela crítica quando foi lançado, além de ataque à brutal direita vitoriosa.<sup>29</sup> E a sofrida personagem Sara repete enfaticamente: “A culpa não é do povo! A culpa não é do povo!”.

26 WERNECK SODRÉ, N. (Org.). *História nova do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1965 [1964].

27 IANNI, O. *O colapso do populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968; WEFFORT, F. “Estado e massas no Brasil”. *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 137-158, maio 1966; “Raízes do populismo em São Paulo”. *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 39-60, maio 1965.

28 *O DRAGÃO da maldade contra o santo guerreiro*. Direção: Glauber Rocha. Produção: Glauber Rocha e outros. Roteiro: Glauber Rocha. Fotografia: Afonso Bastos. Montagem: Eduardo Escorel. Música: Sérgio Ricardo e outros. Elenco: Maurício do Vale, Odete Lara, Othon Bastos e outros. [S. l.: s. n.], 1969. (95 min), cores; *TERRA em transe*. Direção: Glauber Rocha. Produção: Mapa. Roteiro: Glauber Rocha. Fotografia: Luiz Carlos Barreto. Montagem: Eduardo Escorel. Música: Sérgio Ricardo e outros. Elenco: Glauce Rocha, Jardel Filho, José Lewgoy, Paulo Autran e outros. [S. l.: s. n.], 1967. (107 min), preto e branco.

29 ROCHA, G. “Perseguição e assassinato de Glauber Rocha pelos intelectuais do Hospício Carioca, sob a direção de Salvyano Cavalcanti de Paiva”. 1967.

Quanto ao outro filme, Gorender concluiu: “Glauber prenuncia sua adesão ao regime militar à época do governo Geisel. [...] O líder camponês morre crucificado a uma árvore, enquanto se ouve ária cantada por voz de soprano, que sublinha o ridículo da cena”. Crucificação é assassinato. O que há de ridículo nisso? Considerar voz de soprano suporte de ridículo é apenas preconceito estético e ignorância musical – o extremo agudo das notas emitidas por aquela voz pode indicar angústia, dor e outros sentimentos ou juízos. E o personagem Antônio das Mortes, desde o anterior *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), do mesmo diretor, já sentia angústia em relação ao povo; não o tratava como massa imbecil nem era apenas força auxiliar da Polícia, mas queria tutelar o povo contra Deus (messianismo) e o Diabo (cangaço);<sup>30</sup> queria ocupar o papel de partido diante de uma massa que considerava inconsciente. E nada resolveu.

Comenta ainda a forte presença do conceito de dependência e da ênfase em lutas camponesas nas análises políticas das esquerdas naquele momento, indicando suas inspirações em acadêmicos europeus e estadunidenses, mais o peso de interpretações políticas chinesas e, longinquamente, soviéticas, via Bukhárin. Evoca ainda a valorização por alguns teóricos de marginais e párias do capitalismo como agentes revolucionários e leva em conta o argumento de suposta incorporação dos operários nos países capitalistas mais ricos do pós-Guerra a “benesses” econômicas e sociais daquele universo nos quadros do *welfare state*, que começava a ser desmontado quando o livro de Gorender foi escrito – Margaret Thatcher ocupou o cargo de primeira-ministra britânica em 1979 e o mandato presidencial estadunidense de Ronald Reagan se iniciou em 1981.

Sobre a incorporação do marxismo ao estruturalismo por Louis Althusser e colaboradores, Gorender sublinhou sua aceitação entusiástica por intelectuais brasileiros, deixando de lado vozes críticas nacionais ao grupo althusseriano, tão diversificadas quanto José Arthur Gianotti, Carlos Nelson Coutinho e, indiretamente, Marilena Chaui.<sup>31</sup>

*Combate nas trevas* destaca o foquismo como grande referência para a defesa da luta armada a partir de sua sustentação argumentativa pelos revolucionários cubanos. O livro critica a noção de ponto zero enquanto suporte para o sucesso desses

30 *DEUS e o Diabo na Terra do Sol*. Direção: Glauber Rocha. Produção: Glauber Rocha e outros. Roteiro: Glauber Rocha e outros. Fotografia: Waldemar Lima. Montagem: Rafael Valverde. Música: Sérgio Ricardo e Heitor Villa-Lobos. Elenco: Maurício do Valle, Othon Bastos, Geraldo Del Rey, Yoná Magalhães e outros. [S. l.: s. n.], 1964. (120 min), preto e branco.

31 ALTHUSSER, L. et al. *Ler O capital*. Trad. de Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979-1980. 2. v.; CHAUI, M. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 1981; COUTINHO, C. N. *O estruturalismo e a miséria da razão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972; GIANOTTI, J. A. “Contra Althusser”. *Exercícios de filosofia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975. p. 87-102; GORENDER, J. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1990. p. 77-78.

revolucionários, salientando a base de apoio que lhes foi garantida por camponeses e outros atores sociais que se opunham ao então ditador de Cuba, Fulgêncio Batista.<sup>32</sup> A obra rejeita a suposição de que essa vitoriosa revolução foi obra de pequeno grupo guerrilheiro, destacando sua articulação com outros setores em luta naquele país, além de recordar a defesa chinesa da direção partidária e a postura trotskista de priorizar o predomínio operário nas lutas antiditatoriais em andamento.<sup>33</sup>

O volume abre espaço para o nascimento de múltiplas dissidências originadas de PCB, como o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e Ação Popular (AP).

Embora expresse discordâncias políticas em relação a Carlos Marighella, é evidente o destaque e a admiração atribuídos à ação crítica, organizativa e intelectual dele, mais defesa da guerrilha, que culminou com a formação da Aliança Libertadora Nacional (ALN) e múltiplas expropriações de bancos e outras entidades capitalistas por militantes desse núcleo. Aquelas iniciativas de Marighella foram desdobradas, como se sabe, em escritos, muitos deles traduzidos para diferentes línguas, e respeito internacional, inclusive o apoio de personalidades estrangeiras de artes e cultura, como Luchino Visconti e Jean-Paul Sartre, além de reconhecimento pelos revolucionários cubanos.

Gorender afirmou que defendeu a luta armada contra a ditadura quando ainda estava no PCB, em maio de 1965, num documento do Comitê Estadual do Rio Grande do Sul, onde atuava,<sup>34</sup> e indica sua divergência quanto à aliança do Partido com setores de oposição burguesa naquele momento, além de chantagens do PCB contra militantes profissionalizados, que dependiam de seu apoio financeiro. Essa tensão interna e outras manifestações paralelas de outros comunistas tiveram por desfecho a expulsão de Marighella, Mário Alves, do próprio Gorender e outros militantes dos quadros partidários. O escritor conclui que o então chamado Partidão se transformava em partidinho.<sup>35</sup>

Narra ainda a formação do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), a prioridade do apoio cubano à ALN e o surgimento de dissidências do PCdoB, como os casos do Partido Comunista Revolucionário (PCR) e da Ala Vermelha, indicadores da pulverização de grupos a partir das discordâncias comunistas, com algumas siglas assemelhadas que surgiram depois. Algo paralelo ocorreu com a católica AP, que

32 GORENDER, J. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1990. p. 80.

33 Ibidem, p. 83.

34 Ibidem, p. 88.

35 Ibidem, p. 92.

adotou uma linha de pensamento e atuação maoísta, sofreu a perda de militantes cristãos e assumiu nova designação: Ação Popular Marxista-Leninista (AP-ML).<sup>36</sup>

Gorender registrou certa atração dos trotskistas do PORT por dissidências militares nacionalistas, indica os nomes dos generais Albuquerque Lima, alternativa brasileira a Garrastazu Médici para a Presidência da República, e Velasco Alvarado, peruano, que presidiu seu país.<sup>37</sup> Não associa essa perspectiva ao que caracterizou como apoio de Glauber Rocha ao ditador Ernesto Geisel, mantendo o cineasta na condição de caso artístico isolado. Arrola múltiplos grupos derivados de dissidências comunistas e a violenta repressão governamental a todos esses núcleos, desdobrada em torturas e mortes de prisioneiros políticos. Indica iniciativa de Carlos Lamarca e outros militares que subtraíram armas e munições do quartel de Quitaúna, em Osasco, São Paulo, além de expropriações, como a de cofre pertencente a Adhemar de Barros, com grande quantia em dólares e que serviu de base para a continuidade da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares) e de grupos semelhantes, bem como da efervescência artístico-cultural de 1968, no Brasil e noutros países do mundo, num capítulo intitulado “Turbulências de 68 e fechamento ditatorial”, cujo desfecho melancólico foi o AI-5, menos associado a reprimir o fervor daquelas atividades de protesto que ao projeto dos agentes da ditadura, que incluiu terrorismo de Estado, exemplificado pelo frustrado episódio executado por um grupo da Força Aérea Brasileira, o Esquadrão Aeroterrestre de Salvamento (EAS), mais conhecido como Para-SaR (Paraquedistas-Search and Rescue): o bombardeio de instalações públicas no Rio de Janeiro como justificativa para prender e eliminar opositores do Governo Federal, ação que significaria riscos generalizados.<sup>38</sup> Esse plano não foi adiante devido à resistência do capitão Sergio Ribeiro Miranda de Carvalho, oficial daquele grupo, punido posteriormente por seu gesto de oposição e desobediência.

Gorender arrolou grande número de siglas, militantes e ações – prisões, torturas, assassinatos, expropriações, projetos –; comentou sobre as expressivas greves de trabalhadores em 1968 – como em Osasco e Contagem, respectivamente, cidades das regiões metropolitanas de São Paulo e Belo Horizonte, que atestavam diálogos desses setores sociais com os novos grupos de esquerda –; além do movimento estudantil, especialmente universitário, que manteve forte presença na cena pública, ao menos até o fim de 1968, menos dependente do PCB. Houve grandes manifestações públicas

36 GORENDER, J. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1990. p. 116.

37 Ibidem, p. 119.

38 Ibidem, p. 141 e ss.

gerais contra a ditadura ao longo daquele ano, inclusive a Passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro, replicada, em menor escala, noutros estados. Criticou a caracterização como traidor do personagem trotskista Saquila – referência ao jornalista e militante político comunista Hermínio Sachetta –, da trilogia *Os subterrâneos da liberdade* (1954), de Jorge Amado, reconhecendo que ela foi fruto do ambiente stalinista da época em que o romance foi publicado, cobrando do ficcionista baiano autocrítica, que não ocorreu.<sup>39</sup> Caberia a Gorender cobrança similar em relação ao PCB.

Apesar de eventuais vitórias, a luta armada entrou em declínio diante de inimigo muito forte, em termos de armas, dinheiro e outros apoios, além de sofrer suas próprias deficiências políticas e logísticas. Gorender endossou a versão de que Iara Iavelberg, militante da Polop e do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), se suicidou ao ser encurralada pela repressão, contestada por parentes e amigos dela. Pouco foi escrito sobre o intenso trabalho ideológico que a ditadura desenvolveu, direta ou indiretamente, para se legitimar perante a sociedade, com grande presença dos meios de comunicação.<sup>40</sup> Evoca experiências pessoais e de companheiros presos no Departamento de Ordem Política e Social (Deops) e no presídio Tiradentes, ambos em São Paulo, inclusive torturas, assassinatos, resistências e deserções de esquerdistas.

O livro comenta violências de opressores e oprimidos naqueles combates, cobrando limites éticos que os últimos deveriam sempre assumir. Evoca um episódio do Estado Novo, o justicamento pelo PCB de Elza Fernandes, suspeita de delação aos órgãos repressores, no qual Gorender responsabilizou sobretudo Prestes. Na “Conclusão retrospectiva”, fala dos “erros variados” dos grupos de luta armada.<sup>41</sup>

A obra alcançou ampla repercussão e inclui útil glossário de siglas, embora careça de índice onomástico para recuperar aquele mar de homens e mulheres lembrados. Para Gorender e outros militantes que com ele conviveram, tudo pode ser muito claro. Para o leitor com outras experiências políticas ou de gerações posteriores, é difícil acompanhar tantos personagens e acontecimentos.

Restam denúncias muito necessárias e faltam mais demonstrações empíricas. Sobram opiniões e memórias do autor, bem como uma valorização daqueles que apelaram para a luta armada, embora com erros, contra uma sangrenta ditadura, causadora de grandes males para toda a população do país.

39 AMADO, J. *Os subterrâneos da liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [1954]. 3 v.; GORENDER, J. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1990. p. 161 e ss.

40 GORENDER, op. cit., p. 200.

41 *Ibidem*, p. 250.

O escrito se situa a um passo de ensinar retrospectivamente militância a militantes que deram lições de dignidade contra o cotidiano da violência ditatorial, mesmo que em clima de desespero. Nem tudo foi erro.

O combate parcialmente se apagou na escuridão ainda reinante depois de 1985, embora cegue até hoje.